

Curso de Especialização

DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL



MEC-UFPR-NEFIE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANGELITA BELO



A IMAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS
ATRAVÉS DA ARTE

CURITIBA

2013

ANGELITA BELO

A IMAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS
ATRAVÉS DA ARTE

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em Docência na Educação Infantil pela Parceria entre o Ministério da Educação e Universidade Federal do Paraná – Setor de Educação – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil.

Orientadora: Prof.^a Andréa Bertoletti

CURITIBA

2013



DECLARAÇÃO

Declaro ter aprovado e estar de acordo com a versão final do trabalho monográfico apresentado pela aluna Angelita Belo intitulado *A imagem na educação infantil: perspectivas educacionais através da arte*, junto ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, pela parceria MEC/UFPR, e que este cumpre os critérios para ser protocolado como um dos requisitos para a obtenção do título de Especialista.

Professora Orientadora

Andréa Bertolotti

Data, 22 de outubro de 2013.

Dedico esta, bem como as demais conquistas, aos meus amados pais, Leocádia e Tarcízio (para os da família, Lodia e Didio), que me deram muito apoio e incentivo nos momentos mais difíceis de minha vida.

Minha irmã Suzi, meu cunhado Marcio e também ao meu sobrinho Miguel, que está a caminho...

Aos meus professores que me ensinaram que por mais que achemos que o nosso conhecimento já está bem profundo, estamos enganados, pois o conhecimento é algo que está sempre se renovando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a quem eu devo todas as minhas conquistas, aos espíritos de luz que me acompanharam nos momentos mais difíceis, pela força e coragem a mim proporcionadas.

À minha orientadora Professora Andréa Bertoletti pela paciência na orientação, sugestões e incentivo para que esta monografia fosse concluída.

Às coordenadoras do curso Professora Gizele de Souza e Professora Catarina Moro, sempre preocupadas com a qualidade e o bom aproveitamento do curso.

A todos os professores do curso que foram tão importantes em minha vida acadêmica, pois com certeza seus ensinamentos serão lembrados por toda uma vida.

Aos colegas de turma, em especial a Izolde, Josiane e Queila, pelo trajeto até a UFPR, pelas refeições que juntas fizemos, pelas piadas, risos e até lágrimas. Com certeza o curso não proporcionou somente novos conhecimentos, mas também vínculos de grandes amizades que serão eternas.

Aos amigos e colegas de trabalho, pelo incentivo e pelo constante apoio.

E não deixando de agradecer de forma atenciosa e feliz pela minha família que diretamente me fortaleceu e me encorajou.

“As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor.
Aprendemos palavras para melhorar os olhos.”

“Há muitas pessoas de visão perfeita que nada vêem... O ato de ver não é
coisa natural. Precisa ser aprendido!”

Rubem Alves

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 FUNDAMENTOS ESTÉTICOS DA EDUCAÇÃO	10
1.1 A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	17
2 A IMAGEM NO ENSINO DA ARTE	23
2.1 A IMAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL	28
3 A ARTE E A CRIANÇA: PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS ATRAVÉS DA ARTE	34
3.1 A ARTE E A CRIANÇA SEGUNDO AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	39
3.2 IMAGENS: A LEITURA VISUAL E O UNIVERSO INFANTIL	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo pontuar a importância da arte na educação infantil, mais especificamente da imagem nos processos de ensino e aprendizagem infantil. Na educação infantil é possível explorar diversificadas imagens e estabelecer relações entre as mais variadas linguagens, valorizando a imaginação, a criação e a ludicidade nessa faixa etária.

Algumas questões foram levantadas para analisar a temática: “É possível desenvolver a sensibilidade, a imaginação e o processo criador da criança desde a educação infantil através de imagens? Quais imagens? De que forma?”. Ao longo desta monografia será apresentada uma pesquisa bibliográfica que trará alguns apontamentos sobre a temática escolhida.

O professor é peça fundamental nesse processo, necessitando apreender os pressupostos teóricos que alicerçam os processos de ensino e aprendizagem das artes visuais, para que ofereçam efetivamente um repertório variado e de qualidade para as crianças desde a educação infantil.

Inicialmente serão delineados os fundamentos estéticos para o ensino da arte e suas relações com a educação infantil, pensando que durante muito tempo o termo estética esteve atrelado somente a questões do belo. Mas hoje já é claro que os fundamentos estéticos estão intrinsecamente ligados às questões culturais em que o indivíduo está inserido. As influências que sofrem ao longo da vida, sendo que o que para uma pessoa é belo, para outra pode ser feio, pode causar prazer e desprazer, enfim, diferentes emoções e sensações, dependendo de quem analisa ou experiencia algo.

A experiência estética na educação infantil engloba, particularmente, a cultura e as vivências em que o educando está inserido. Portanto, nesta fase de significativas descobertas, é que se faz necessário o despertar da sensibilidade e as diferentes oportunidades de experiências em diversas situações que ampliem seus gostos e aprendizados, uma vez que a experiência estética está ligada ao sentir, perceber, pensar; mas esse processo só acontece de forma satisfatória através da presença atenta do adulto mediador.

O contato com o universo artístico é muito importante para a criança no processo de alfabetização estética e educação dos sentidos, mas isso só irá acontecer se lhe for oferecidas condições para isso. Oportunizar a ampliação de sua sensibilidade, em consonância com a capacidade de escolher, criticar, sem a imposição de valores e padrões, condiz com o processo criativo do recriar. A estética, portanto, não é a valorização de algo pronto, a estética é condição para a criatividade e a geração de novos conhecimentos.

Posteriormente, serão abordados os pressupostos teóricos sobre os processos de leitura de imagem, aproximando-os da realidade da educação infantil. Isso através de estudos que mostram a importância de se apresentar desde muito cedo as diversas manifestações artísticas e culturais para as crianças. Inserir no cotidiano escolar imagens contextualizadas é essencial na busca de experiências que a levem a ter contato com a diversidade cultural e imagética.

Faz-se necessário também destacar que as imagens muitas vezes ajudam a criança a perceber situações de épocas, lugares e culturas variadas e que esse conhecimento muitas vezes só chega até os pequenos no espaço educativo.

As imagens fazem parte do universo infantil desde muito cedo, mas é importante pensar sobre as mais variadas imagens oferecidas no âmbito escolar e que elas tenham qualidade, pois é através delas que as crianças pensam, interagem e intervêm percebendo elementos que ainda não faziam parte do seu universo infantil.

O olhar da criança se constrói aos poucos, mas para isso é necessário conhecer as manifestações artísticas, deixando de lado modelos prontos e acabados que pouco permitem à criança expandir seus olhares. Os significados são construídos paulatinamente rumo a um olhar sensível diante da realidade. Relações imagéticas podem desenvolver significativamente a percepção e a imaginação através da apreensão gradativa do entorno.

Finaliza-se, portanto, a referida pesquisa, tendo as imagens como aliadas ao desenvolvimento da sensibilidade, da percepção, e da criticidade através do vasto patrimônio imagético, global e local. Sem dúvida existem muitas produções artísticas acumuladas pela humanidade, que refletem um momento histórico, uma época. No espaço escolar essas imagens podem aliar-se a outras linguagens, como por exemplo às brincadeiras e às interações. Interações que podem se dar pelas

relações da criança/criança, criança/adulto, criança/objeto, que se fazem tão presentes na educação infantil.

Através de uma imagem a criança conhece não apenas técnicas e materiais diversificados, mas amplia seu olhar diante do mundo. Por meio de um olhar sensível e atento para diversificadas imagens, além daquilo que é padronizado pela mídia ou pela sociedade de um modo geral, ela estende as relações com o mundo e com o outro.

Se faz necessário refletir, portanto, as produções artísticas deixam marcas na cultura, essa por sua vez é também apreendida no espaço educativo, dentro das creches e pré-escolas, sendo indispensável abordar a importância da valorização dessas produções artísticas, bem como o acesso a diferentes imagens.

Assim sendo, esta pesquisa poderá auxiliar o profissional da educação infantil a perceber que as imagens podem ser utilizadas em vários momentos, em atividades diversificadas, e que a partir delas podem ser propiciadas inter-relações com outras linguagens existentes no currículo, aliando as interações e o brincar nessa perspectiva. A imagem pode propiciar também fecundos caminhos mediante os processos de ensino e aprendizagem na educação infantil, expandindo as experiências por meio da imaginação, da percepção, da criatividade, contribuindo para o desenvolvimento global, social e cultural do ser humano como um todo.

1 FUNDAMENTOS ESTÉTICOS DA EDUCAÇÃO

A primeira característica da experiência estética, segundo Duarte Jr. (1981), é que nela o homem apreende o mundo de maneira direta, total, sem mediação de conceitos e símbolos. No momento da experiência estética ocorre um envolvimento total do homem com o objeto estético.

Duarte Jr. (2009) afirma que na experiência estética “o cotidiano” é colocado entre parênteses e suspenso. Suas regras são abolidas. Por um momento o princípio do prazer coloca diante do ser humano a sua criação. Esta é a experiência estética: uma suspensão provisória da causalidade do mundo, das relações conceituais que a linguagem forja.

O modo de perceber, na experiência proporcionada pela arte, é radicalmente distinto de nossa percepção ordinária, cotidiana. Na experiência estética, é retomada uma primitiva e mágica visão do mundo. Na vida diária interroga-se o aparecer dos objetos segundo propósitos práticos.

Diz-se na experiência estética que o homem experiencia a beleza, mas aquilo que para uma pessoa é belo, para outra pode não ter beleza alguma. O belo não é uma propriedade dos objetos. Pode-se pensar, então, que a beleza reside exclusivamente na mente de cada um. Mas Duarte Jr. (2009) afirma que o belo não reside nem nos objetos nem na consciência dos sujeitos, mas nasce do encontro dos dois.

O termo estético, na sua concepção mais comum, significa o estudo racional do belo, quer quanto à possibilidade da sua conceituação, quer quanto à diversidade de emoções e sentimentos que ele suscita no homem (BUENO, 2007). Tal definição dá essa ideia da estética como algo tratado na dimensão do belo.

O conceito de estética ficou durante muito tempo atrelado à beleza, atualmente, porém, ocorreram rompimentos, passando a questão do belo a aspectos culturais em que o indivíduo está inserido.

Como já dito, na experiência estética o mundo é visto de forma mágica, mas a beleza depende da mente de cada um ou dos olhos de quem vê. Para a criança pequena, o mundo está sendo descoberto, tudo lhe causa curiosidade, sua

imaginação vai longe, sendo necessário por isso o adulto mediador que pode oferecer-lhe contato sensível com o universo artístico. Assim, aspectos culturais devem ser variados, uma vez que muitas dessas crianças encontram no espaço escolar a única oportunidade de acesso ao conhecimento sistematizado, onde ela pode se desenvolver e criar sua identidade.

Ramalho e Oliveira (2009) aponta que ainda hoje existem muitos equívocos no uso da palavra estética. Na maioria dos casos é usada como padrão de beleza, muitas vezes a beleza idealizada, tudo que é perfeito. Para a autora o padrão de beleza muda através do tempo e do espaço, não existe uma única definição de estética, válida para toda época e todo contexto cultural.

Vale ressaltar que a beleza ou a constituição do sentido se encontra entre o homem e o mundo, entre a consciência e o objeto (estético). O prazer estético reside na vivência da harmonia descoberta entre as formas dinâmicas dos sentidos e as formas da arte.

A arte abre um campo de sentido por onde vagueiam os sentimentos, encontrando ali novas e múltiplas maneiras de ser. Cada pessoa traz consigo uma determinada cultura, gostos, tendências, preconceitos pessoais, de modo que a compreensão da forma originária se verifica segundo uma determinada perspectiva individual. Uma obra de arte pode indicar uma determinada direção aos sentimentos, por exemplo: alegria, tristeza, angústia, etc. O espectador completa a obra: vivendo-a segundo as suas peculiaridades. Portanto, o objeto estético tem necessidade do espectador para aparecer.

[...] a multiplicidade de sentidos que a obra de arte descortina faz-nos continuamente um convite: para que nos deixemos conduzir pelos intrincados caminhos dos sentimentos, onde habitam novas e vibrantes possibilidades de nos sentirmos e de nos conhecermos como humanos (DUARTE Jr., 1981, p. 86).

As crianças da educação infantil abarcam significativamente tais relações, pois se encontram numa fase fecunda em que naturalmente descobrem, experimentam, sentem, trazem ideias novas, dão sugestões, e principalmente falam com o corpo. E como já assinalado, as manifestações artísticas e culturais despertam sentimentos, incitam reflexões e as crianças trazem esses sentimentos e pensamentos à tona, quando estão frente a elas. Através de uma imagem, por

exemplo, podem falar do seu cotidiano, expressar seus sentimentos, como medos, alegrias, angústias.

Duarte Jr. (2009) destaca também que sentimento é sempre a primeira impressão que temos das coisas, é uma apreensão direta do mundo e de nós mesmos ainda não mediatizada pelos símbolos, pela linguagem. Cada palavra, frase ou expressão, carrega em si, além de seu significado simbólico, racional, toda uma carga de sentimentos, de emoções. Não há atividade puramente racional ou abstrata, todos estão condenados à dialética do sentir e do pensar.

Muitas imagens poderão, portanto, no âmbito escolar, despertar pensamentos mediante as relações e percepções com a criança. As imagens abrem caminhos para novos pensamentos e olhares, pois através de detalhes existentes poder-se-á relacioná-las com o seu mundo. Mundo esse que é cheio de fantasias, onde a imaginação existe de forma presente, podendo descobrir inúmeras possibilidades através do contato com a arte e com a cultura.

Por meio da arte pode-se manter um contato mais íntimo com o mundo de nossos sentimentos, com formas que permitem “ver de fora” a inefável dimensão do nosso sentir. O que uma obra nos possibilita, o que ela nos permite, é contemplar os sentimentos através de múltiplas relações analógicas com ela. O artista está justamente nos mostrando aquilo que não pode ser dito, que é inefável. O artista não diz, mostra.

Quando o artista proporciona relações através de proposições artísticas, podemos encontrar inúmeras possibilidades de construções de conhecimentos, por isso a necessidade de oportunizar o contato da criança com esse universo. A arte busca manter intrínseca a relação com o polo da expressão. Nos domínios da arte, uma pequena alteração em sua forma altera o sentido da obra.

Para Duarte Jr. (2009), a arte é um “código expressivo”. Na arte não importa o “que” e sim o “como”; na arte a forma é seu conteúdo próprio. Um erro destacado como bastante frequente é pensar se o artista, ao construir sua obra, está expressando somente seus sentimentos. O que ocorre numa experiência estética é que nossos sentimentos são tocados, despertados pelas formas do objeto e então vibram, dando-se a conhecer nós mesmos.

A questão do sentido expresso pela arte passa pelo expectador, fruidor, agenciador. Ele apreende a partir do seu próprio jeito de sentir, a partir de seus gostos, cultura, aspectos históricos e sociais. No jogo do sentido estabelecido entre

a obra e o sujeito (espectador), cada qual entra com sua parcela rumo à construção de significados.

Vale a pena lembrar que as crianças da educação infantil estão aprendendo a descobrir do que gostam, como sentem, seja pelo olhar, pelo toque ou pelo cheiro. Em nosso país, muitas crianças têm pouco acesso à cultura. Quando chegam à educação infantil, muitas ainda não tiveram contato com nenhum livro de literatura ou obra de arte, por exemplo. Cabe ao professor, educador, colocá-la em contato com esse universo cultural, para que a arte seja fruída, desfrutada, propiciando despertar em nós a consciência e a vivência de aspectos do nosso sentir com relação ao mundo.

[...] até por volta de cinco ou seis anos os sistemas perceptivos apreendem o mundo de uma maneira que os psicólogos chamam de percepção “sincrética” ou “global”. Nesse tipo de percepção os objetos são captados sempre de forma total, sem diferenciar suas partes constituintes (DUARTE Jr., 2009, p. 29).

A percepção estética tem muito a ver com a percepção sincrética, própria da criança, uma percepção que apreende o objeto em seu todo, sem analisar suas partes constituintes, mas sendo capaz de relacionar as partes diante do todo. E o professor é o mediador nesse processo, devendo chamar a atenção para outros aspectos da obra, provocar nas crianças a busca por detalhes, discutindo com elas aspectos que parecem sem importância, mas que são essenciais na sua percepção e apreensão. Relacionar o que a imagem traz com o cotidiano dessas crianças, com tudo aquilo que as cerca, com o meio no qual elas estão inseridas, firma-se, cada vez mais, como a tônica da utilização de imagens nos processos de ensino-aprendizagem.

Como já mencionado, a experiência estética equilibra-se com o sentir e com o pensar, numa postura muito mais de igualdade do que de hierarquia entre tais faculdades. No momento da experiência estética a imaginação não é livre para vagar a seu bel-prazer. Ela segue os caminhos propostos pela forma estética, onde, todavia, está solta para recriar tais formas preenchendo-as com os sentidos provenientes do sujeito.

Nesse momento, como já dito, é necessária a mediação do professor no processo de leitura da imagem, ou seja, evidenciar os elementos constituintes da linguagem artística, sua contextualização estética. A criança, neste sentido, não

deve ficar sem orientação e apenas arriscar palpites. Deve haver uma ligação entre o que a criança vê e o que a obra clama. Não que a criança não possa divagar, imaginar, mas ela está construindo significados através da leitura de imagens e de mundo.

É importante ressaltar que durante a experiência estética o pensamento não se dá de forma idêntica ao seu desempenho na experiência cotidiana: ali ele está em equilíbrio com a imaginação e o sentimento. Uma experiência estética deve fazer pensar, sim; uma obra de arte é uma grande obra quando permanece “em nossa cabeça” depois de fruída. Somente podemos tomar a obra e a nossa experiência frente a ela como um objeto de nosso pensamento após tal experiência ter sido completada. Uma obra de arte é apreendida em si própria: nós neutralizamos todo o contexto ao seu redor.

Nesse sentido, muitas vezes, percebe-se a memorização dos aspectos centrais de uma imagem quando as crianças guardam detalhes visuais e pontuam posteriormente. Firma-se isso quando, algum tempo depois de apresentada uma reprodução de obra de arte a elas, conseguem fazer relações com a obra anterior.

Duarte Jr. (2009) também diz que a experiência estética não é sempre causa de prazer, pode causar sentimento compatível ao belo como também reações desprazerosas. Frente a uma obra de arte nossos sentimentos entram em consonância com suas formas e assim vibram, causando-nos reações emocionais. Para ele a arte é uma espécie de espelho, onde descobrimos e conhecemos aspectos do nosso sentir, muitos até insuspeitos. O importante é a referência aos sentimentos despertados no sujeito, que não é idêntica à dos sentimentos surgidos na vida prática, àquela existente no dia a dia.

À medida que vamos nos tornando familiarizados com os códigos estéticos, nossa própria maneira de sentir vai se refinando, ou seja, tornamos progressivamente mais sensíveis às sutilezas de nossa vida interior, aos meandros do mundo de nossos sentimentos. E esta é, precisamente, a razão pela qual muitos educadores insistem na necessidade de uma educação estética no interior mesmo das escolas (DUARTE Jr., 2009, p. 90).

Como o autor afirma acima, a experiência estética depende de um aprendizado. Então, desde cedo é necessário colocar as crianças em contato com a arte, levar até elas os códigos estéticos produzidos culturalmente. Até pouco tempo atrás, mesmo na educação infantil, a prioridade era se trabalhar com a linguagem

oral e escrita ou a matemática. Sabe-se, hoje, que quanto mais diversificadas forem as situações pedagógicas nessa faixa etária, mais as crianças terão a oportunidade de desenvolverem todas as suas potencialidades. As imagens, as obras de arte, podem servir de carro-chefe para o trabalho com os pequenos, tornando-os mais sensíveis e conhecedores de vários saberes acumulados pela sociedade através das imagens.

Segundo Read (2001), o sujeito é “sensível”, ele tem uma reação motora dos nervos, das glândulas e de todo o metabolismo do corpo ao estímulo recebido através dos órgãos sensoriais. Essa reação motora é chamada de sensação e também existe resposta do sistema afetivo. Desenvolve-se não apenas o poder de discriminar o objeto, mas também o poder de reagir, segundo os próprios interesses, à consciência do objeto.

No discernimento de um fato percebido, a disposição é um fator positivo não menos real que o próprio fato. São os sentimentos estéticos que marcam o ritmo da vida mantendo as pessoas em nosso curso por meio de um tipo de peso e equilíbrio.

De acordo com Fusari e Ferraz (2001), o estético em arte diz respeito, dentre outros aspectos, à compreensão sensível-cognitiva do objeto artístico inserido em um determinado tempo/espaço sociocultural. A experiência estética pode ser mais ampla e não necessariamente derivada da arte, embora a arte seja uma de suas principais fontes de aplicação. Ela pode dar-se inclusive frente aos fenômenos naturais e ao meio ambiente desde que tenham sido mobilizados valores sensíveis, que por seu lado são fundamentais aos valores estéticos.

Para ela a diversidade de atitudes estéticas do homem frente à realidade é tão multifacetária quanto são variados os fatores culturais e sociais, responsáveis pela formalização dos sentimentos estéticos e práticas artísticas. A produção artística, além de sua concretude física, material, é também uma manifestação imaginativa, cognoscitiva, logo, comunicativa e cultural. A obra artística só se completa de fato com a participação do espectador, recriando novas dimensões dessa obra a partir do seu grau de compreensão, da linguagem do conteúdo. A obra artística encerra sempre um sentido do estético (de tempo, estilo, etc.), assim como é concretude e expressão de uma linguagem e sentimentos.

No caso da educação infantil, os espectadores são crianças pequenas, que começam as descobertas das coisas do mundo. Tudo é novo e cheio de riqueza e

de detalhes. A compreensão delas do mundo que as cerca ainda é pouca, basta o adulto, que está mediando o trabalho com uma imagem, estar atento.

Como citado anteriormente por Fusari e Ferraz (2001), a manifestação imaginativa também está presente na produção artística, sendo muito parecida com o universo infantil, onde a imaginação existe tanto para as brincadeiras, como para a produção de trabalhos ou atividades ligadas à arte.

As autoras tratam também da importância de uma educação estética, na qual deverá incluir-se o “fazer”, partindo de um contexto de percepção, conhecimento, apreciação e crítica artística. A educação estética irá contribuir, assim, para a ampliação das habilidades já existentes, estabelecendo no processo educacional o aporte entre o fazer e o refletir. Assemelha-se profundamente, portanto, com a educação intelectual, principalmente por aprofundar o interesse cognoscitivo e desenvolver o processo de percepção e capacidade de observação.

Os bebês também devem ter esse trabalho com as imagens presente desde muito cedo dentro do espaço educativo no qual estão inseridos, pois são curiosos e usam diferentes partes do corpo para conhecer o mundo. Exploram o movimento, usam as mãos para descobrir este mundo, gostam de sentir, conhecer, ver e ir muito além de ficar apenas observando. Portanto, se faz necessário repensar algumas práticas desenvolvidas com as imagens para crianças bem pequenas, não basta apenas mostrar-lhes uma imagem, mas também é preciso criar espaços adequados, pensando no tempo que terão para explorar as imagens e materiais, bem como trabalhar com as diferentes linguagens, as interações e as brincadeiras durante todo esse processo.

Para Meira (2001), o desafio da educação estética é fazer com que a arte deixe de ser disciplina do currículo e se torne algo incorporado à vida do sujeito, que o faça buscar a presença da arte como uma necessidade e um prazer, como fruição ou como produção, porque em ambas a arte promove a experiência criadora da sensibilização.

Para ela, no estético encontra-se a possibilidade de perceber e pensar sobre tudo aquilo que qualifica a experiência de todas as capacidades humanas para dialogar com o meio. O meio ambiente qualificado pela experiência estética deixa de ser uma simples materialidade, convertendo-se num potencial e diversificado universo de relações significativas.

A estética está presente em práticas sociais e culturais como forma de expressão e representação do mundo, contudo, é essencialmente predominante na arte. Por meio da educação estética se pode provocar a sensibilidade, perceber e organizar os estímulos do exterior. Sendo necessário, portanto, na escola, buscar uma educação estética que aprimore e refine os sentidos, compreendendo os significados e sentidos estéticos da arte para melhor compreender e fundamentar a função da experiência estética tanto na formação das crianças, quanto na formação do professor.

1.1 A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo Duarte Jr. (1981), para a criança a arte não tem exclusivamente um valor estético, seu trabalho visa à comunicação e à organização do seu mundo. Sua expressão, em contato com a arte, também não se pauta na produção de obras bem acabadas e harmoniosas. É necessário, portanto, perceber como ocorrem as relações da criança com o mundo, seus sentidos e sentimentos.

A atividade artística é um fator importante para que a consciência estética da criança se desenvolva, cabe ao educador, auxiliar o seu desenvolvimento. Neste sentido, Duarte Jr. (1981, p. 105) cita um verso de Chico Buarque e Ruy Guerra:

[...] A consciência estética faz parte do padrão de desenvolvimento total das crianças. Não é a imposição de normas, de regras exteriores à criança, mas, sim, o desenvolvimento de sua capacidade íntima de discriminar e escolher. A beleza é algo que muda através de cada cultura, e a oportunidade de os jovens expressarem seus sentimentos e suas emoções sobre as coisas torna-se mais essencial do que o desenvolvimento do gosto de acordo com padrões atuais.

A consciência estética poderá ser desenvolvida significativamente através do aumento da conscientização, pela criança, do seu próprio eu e de uma maior sensibilidade ao seu próprio meio. A consciência estética propicia a busca de uma visão global do sentido da existência, um sentido pessoal, criado a partir dos sentimentos e compreensão do mundo em que se vive. Enquanto capacidade de escolha, capacidade crítica, não para submeter-se à imposição de valores e

sentidos, mas para selecioná-los e recriá-los de acordo com a existência de cada um.

A educação infantil ao longo da história vem ganhando cada vez mais espaço e mostrando o quanto é fundamental se trabalhar de forma bem planejada e explorando as brincadeiras e as interações, bem como as diversas experiências, já na primeira etapa da educação básica. Uma das prioridades dentro das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil é articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico, ambiental e tecnológico.

As propostas pedagógicas da educação infantil devem respeitar três princípios: Éticos, Políticos e Estéticos. De acordo com o objeto desta pesquisa, a *imagem na educação infantil* (BRASIL, 2009) reafirma a importância dos princípios estéticos: da sensibilidade, da criticidade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. Estes deverão ser trabalhados com crianças de zero a cinco anos de idade no ambiente educacional. Mas para se pensar o sentido da arte na educação infantil, é essencial fazer estudos teóricos que ajudem a entender e aprender mais sobre a arte e a criança, temática ainda pouco estudada e que necessita de um olhar especial. A experiência estética pode nos possibilitar o contato com o universo artístico aguçando a percepção e a sensibilidade nas relações com o entorno e assim da própria arte na construção de conhecimentos e experiências significativas.

Read (2001) sustenta que fatores sociológicos e ideológicos não estão totalmente ausentes na arte infantil. Existe a possibilidade de uma qualidade estética específica na arte infantil – uma qualidade que poderia ser indicada pela palavra “ingenuidade”. Quando descrevemos como ingênua, estamos indicando uma certa “visão” das coisas que é peculiar às crianças e também a certos adultos que conservam essa faculdade infantil.

A visão do autor, de que o olhar da criança é deseducado, faz muito sentido, pois na educação infantil muitas crianças têm pela primeira vez acesso a conteúdos sistematizados acumulados ao longo do tempo. Poucas são as crianças em nossa sociedade que têm a oportunidade de ter acesso a produções artísticas, visitam museus, exposição de obras de artistas variados, etc. Outro fator muito importante, também citado por Read (2001), é não forçar a criança e respeitar o seu ritmo diante dos aspectos observados, que serão diferentes de acordo com sua idade. Cabe,

portanto, ao professor, mediar o trabalho e respeitar as opiniões de acordo com os processos de desenvolvimento estético.

Os indivíduos se desenvolvem. E o fato de haver mudanças na compreensão da arte é o que possibilita falar em processo do desenvolvimento estético. Neste desenvolvimento, os alunos vão gradualmente fazendo uso de idéias cada vez mais complexas, sofisticadas e adequadas ao mundo da arte, desde que tenham oportunidade de interagirem com ele (ROSSI, 2003, p. 22).

Percebe-se essa mudança no desenvolvimento estético, quando uma mesma imagem é apresentada para a criança pequena no início e no final do ano; sua visão sempre será diferente, perceberá novos detalhes, construirá diferentes relações. Assim, cabe ao professor oferecer e ajudar nesse processo de desenvolvimento estético, processo esse feito de forma gradual e com muitas oportunidades para as crianças, pois através do contato com o universo da arte as crianças experimentam emoções variadas e aprendem coisas novas.

Como visto no início deste primeiro capítulo, nem sempre a palavra estética está atrelada à questão somente do belo. O que para mim é belo, para a outra pessoa pode ser feio, tudo dependerá da visão de mundo dessa pessoa, das experiências que ela já teve, de seu repertório na linguagem específica e dos aspectos históricos e sociais.

Monique Deheinzelin¹ (2009) relata que a estética não é atributo apenas da arte, e sim qualidade das ações que originam e geram conhecimentos. A estética não é a valorização (social e cultural) de algo pronto, e sim atitudes que levam a criar algo novo, tanto para o indivíduo como para a sociedade. Estética é condição para a criatividade, para a geração de novos conhecimentos e para a aprendizagem.

É na interação que o homem se constitui, desde bebê a curiosidade faz parte do ser humano, por isso ele logo quer olhar para o mundo, pegar objetos, dialogar com as pessoas que estão próximas. É na construção estética que ocorrem ações e construção do conhecimento, esse conhecimento tem fundamentos estéticos, vivência estética, pois causam sensações, sentimentos e afetos.

Todos têm uma visão estética do mundo, construída e influenciada por nossa realidade cultural, pelas crenças, costumes, valores morais e éticos. As

¹ Monique Deheinzelin escreveu um artigo na *Revista Direcional* em 2009, "Arte e conhecimento na Educação Infantil".

escolhas, muitas vezes, não são aleatórias e nem espontâneas, mas são informadas por todas as influências que se tem.

Na educação infantil, essa visão poderá ser desenvolvida através do acesso a vários tipos de proposições artísticas, imagens que tragam as crianças diferentes formas de se expressar e comunicar ao longo do tempo e em diferentes culturas. Nessa fase, em que sua personalidade está sendo formada, com certeza, as diferentes criações artísticas podem contribuir para que essas crianças possam opinar, expressar sentimentos e valores variados.

Maria Carmem Silveira Barbosa² (2009), segundo as práticas cotidianas na educação infantil, apresenta as bases para a reflexão sobre as orientações curriculares, indicando a estética como importante experiência individual e coletiva. A estética deve ser entendida e vivida como lente de interpretação do mundo, pois é o encontro entre imaginação e razão, integrando o corpo e a mente, o sensível e o inteligível.

A experiência estética tem o poder de perturbar os sentidos, ocorrendo a percepção mais íntima e intensa da realidade, levando o ser humano a prestar atenção aos detalhes que o cercam, para isso é necessário compartilhar a experiência.

A experiência, para Barbosa (2009), também se apresenta como algo que se configura no compartilhamento entre o corpo, as coisas do mundo e as pessoas. Essa experiência pode se constituir na experiência do bebê que promove suas primeiras aprendizagens com as coisas do mundo.

Para a educação dos bebês e crianças faz-se necessário a proposta de considerar a experiência estética como princípio educativo, pois essa tem potencial para o desenvolvimento da sensibilidade e da imaginação. Também nessa perspectiva revela a complexidade de estar com as crianças pequenas, instigando-as e desafiando-as, acompanhando seus processos iniciais de aprender a conviver nas múltiplas relações com a arte e com a cultura.

Frequentemente naturalizamos as relações entre as pessoas e das pessoas com as coisas, como se fossem características inatas. Cada um de nós, ao chegar no mundo, vai singularizando-se e particularizando modos de agir no coletivo. Porém, os vínculos afetivos e sua expressão são apreendidos

² Maria Carmem Silveira Barbosa foi consultora em 2009 de um documento que tratava das práticas cotidianas na educação infantil – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares, em parceria com o Ministério da Educação e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

culturalmente nas relações e nas interações com os outros. Portanto, a maneira como os adultos se relacionam com as crianças, outros adultos e o ambiente, como organizam e realizam as ações cotidianas, também proporcionam às crianças, ao longo de sua permanência nos estabelecimentos de educação infantil, experiências estéticas que se refletem nos modos de estabelecer suas relações culturais (BARBOSA, 2009, p. 76).

As crianças devem ter experiências estéticas e para tal é necessário propostas pedagógicas que possibilitem o acesso ao universo artístico e cultural, como, por exemplo, exposições de artistas locais dentro das unidades educacionais, visitas a ambientes como museus, galerias, centros culturais, praças, parques, bibliotecas. Propiciam-se, desta forma, diferentes experiências estéticas, somando suas atividades com as demais práticas das instituições de educação infantil, reconhecendo que não é só no espaço educativo que a criança aprende.

A educação infantil é um espaço privilegiado para desenvolver a sensibilidade e a estética pode apresentar-se como marca de cultura tornando-se um elemento fundamental da gestão do tempo e espaço pensado para as crianças pequenas.

Ostetto (2010) afirma que respeitar o gosto do outro é uma aprendizagem, necessária e difícil, pois a nossa sociedade nega as diferenças e impõe valores, para ela o gosto pode mudar, de acordo com as interações a que um sujeito vier a ser exposto, pressupondo trocas, diálogos, sensibilidade e afeto. O gosto para ela pode ser refinado. Aprende-se a gostar, a ver e ouvir, assim como a combinar materiais, e um dos papéis do professor é abrir canais para o olhar e a escuta sensíveis disponibilizando repertórios variados para isso, cuidando do visual das salas e dos demais espaços da instituição.

Sabe-se que as experiências estéticas devem ser mais valorizadas nos espaços escolares e também que modelos prontos, considerados bonitos, devem ser deixados de lado, para que cada vez mais a criança possa criar, experimentar e se expressar. E este processo artístico e estético não deve atropelar o momento interno de cada criança, sua etapa de vida, mas deve propiciar oportunidades para que conheçam e se desenvolvam através e por meio da arte.

Compreender o ato de educar crianças pequenas como ação simultaneamente ética e estética significa afirmá-lo como promoção criativa dos seres humanos. Criatividade expressa na intenção de perseguir cotidianamente uma vida mais bonita, mais inventiva, mais apaixonada, alegre, poética, inteligente, fundada em valores coletivos mais sensíveis,

menos excludentes e sectários, menos indiferentes e violentos. Essa com vivência, sempre conflituosa e tensa nas suas contradições, exige simultaneamente rigor e incerteza, disciplina e subversão (BARBOSA, 2009, p. 76).

Nos processos de ensino e aprendizagem da educação infantil se faz necessário compreender e valorizar a sensibilidade, a humanidade e a cultura, o sentir, o pensar, pois estão integrados com a natureza, o ambiente e o universo. Para isso se fazem necessárias ações educativas que deem conta das necessidades de segurança, proteção e pertencimento quanto à liberdade e à autonomia, em consonância com a experiência estética no âmbito escolar.

2 A IMAGEM NO ENSINO DA ARTE

A partir da década de 1980, o contato com o universo artístico e cultural através de imagens torna-se uma prática eminente em todos os níveis educacionais. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.º 9394/96, o ensino da arte é concebido como área do conhecimento. As transformações nas concepções que têm orientado o ensino de arte nas últimas décadas se apresentam de forma contextual e inter-relacional. Os três eixos norteadores dos processos de ensino e aprendizagem em arte o “fazer artístico”, a leitura de imagens e a contextualização histórica, social, antropológica e/ou estética, evidenciam a imagem como propulsora da construção de conhecimentos significativos.

Quanto à imagem da arte, é desnecessário falar da importância e do papel que ela vem assumindo no ensino contemporâneo. Após décadas de ausência na escola, a imagem retorna para ocupar um lugar central nas aulas de arte. Já é consenso a ideia de que todo o aluno deve ter a oportunidade de interpretar os símbolos da arte, pois a dimensão estética é constitutiva do potencial humano (ROSSI, 2003, p. 09).

Ana Mae Barbosa (2012) evidencia a importância de apresentar manifestações artísticas e culturais nas aulas de arte, da necessidade de inserir a leitura de imagens rumo a olhares contextualizados, sensíveis e críticos. O reconhecimento da importância do estudo da imagem no âmbito escolar condiz com as relações entre imagem e cognição. Porém, concomitantemente aos processos de ler imagens é essencial a escolha consciente, por parte dos professores, de imagens de qualidade coerentes aos objetivos de um projeto em sintonia com as especificidades contemporâneas do ensino de arte.

Todos os indivíduos têm grandes possibilidades de desenvolverem-se, cognitivamente e afetivamente, nas interações com o universo artístico. Mas para isso precisam passar por experiências que os levem a ter contato, no fazer e no fruir, com esse mundo cheio de riquezas e diversidades.

A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca (BARBOSA, 2012, p. 35).

O mundo cotidiano está cada vez mais sendo dominado pela imagem. Assim é necessário alfabetizar para a leitura de imagens, através da gramática visual, em consonância com a contextualização histórica, social e/ou estética. As imagens podem ajudar a criança a entender algo do lugar e do tempo em que as obras de arte são situadas. Nenhuma forma de arte existe no vácuo: parte do significado de qualquer obra depende do entendimento de seu contexto.

A metodologia de análise deve ser de escolha do professor e do fruidor, o importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la, esta leitura é enriquecida pela informação acerca do contexto histórico, social, antropológico (BARBOSA, 2012, p. 39).

Barbosa (2012) lembra também que o desenvolvimento da capacidade criadora, tão caro aos defensores do que se convencionou chamar de livre expressão no ensino da arte (o deixar fazer), também se dá no ato do entendimento, da compreensão, da decodificação das múltiplas significações de manifestações artísticas. Flexibilidade, fluência, elaboração, enfim, todos estes processos mentais envolvidos na criatividade são mobilizados neste processo de leitura.

Vale relembrar que a ideia da livre expressão veio com a modernidade, destacando a visão pessoal como forma de interpretar a realidade, a emoção como principal conteúdo de expressão. A visão mais atual no ensino da arte é aquela que valoriza a construção e a elaboração como procedimento artístico, leva em conta a emoção, mas acrescenta a grandeza do fazer artístico, considerando o acesso e a compreensão do patrimônio cultural da humanidade.

A abordagem triangular do ensino da arte pretende que a construção do conhecimento em arte aconteça com o cruzamento entre experimentação, codificação e informação.

É na instituição de educação que acontece o acesso à informação estética, onde se alfabetiza para a leitura de imagens, quer seja arte ou não, oferecendo a crianças de todas as classes sociais esse saber em consonância com a multiculturalidade, códigos culturais presentes em diferentes grupos sociais.

Nesse sentido, a Abordagem Triangular³ converge para os pressupostos teóricos do ensino de arte na atualidade, bem como para a inserção significativa da imagem neste processo. Três ações básicas são abarcadas por tal abordagem: o fazer arte, o contextualizar e o ler obras de arte/manifestações artísticas. E considera a arte como cognição e expressão, podendo articular e combinar diferentes ações. Não é necessário seguir uma ordem ou hierarquia, combina-se ação e conteúdo, propondo sempre a coerência entre objetivos e métodos, levando em conta também a organicidade e a flexibilidade.

O ser vivo tem necessidade de extrair do meio exterior materiais, informações e organização. Cada ser vivo é um ser único e ímpar, age na relação com o outro, superando a si mesmo a ordem da realidade, possui dimensão ética que norteia seus valores. Para tanto, o processo de produção de conhecimento é produzido pelo espírito-cérebro humano e por uma realidade sociocultural.

A arte, mais especificamente as imagens, se mostra de forma complexa, com riqueza de conteúdos, caminhos e possibilidades, que podem ser oferecidos as crianças e comunidades, sendo necessário se pensar no acesso ao desconhecido e também na incerteza. É essencial, neste processo, manter uma postura permanente de pesquisa, atenção, flexibilidade e dinamismo (RIZZI, 2009).

É importante salientar nesse contexto que desde o nascimento o bebê está rodeado de inúmeras imagens ao seu redor, que estimulam sua percepção e curiosidade. As produções artísticas e culturais vêm completar esse universo de imagens presentes no cotidiano das crianças, muitas vezes é somente no espaço educativo que as crianças têm acesso a este tipo de imagem variada e de qualidade. E como já citado, as obras de arte trazem referências do contexto histórico, social e antropológico. Contextos estes que devem ser abordados desde muito cedo no espaço educativo, para que essas múltiplas significações sejam descobertas pelos pequenos.

Esses dois critérios, surpresa e satisfação, fazem parte do universo infantil, fazer ligação com seu mundo, inventar histórias, questionar, analisar e muitas vezes a observar detalhes que para o adulto não são importantes. A criança se satisfaz com aquilo que gera surpresa e curiosidade.

³ Foi trazida para o conhecimento pela professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa, no final dos anos 1980.

A possibilidade de pensar, interagir e intervir por meio de imagens garante as condições estruturais e estruturadoras para se construir formas de aprendizagem, conhecimento, comunicação que sejam intrínsecas à via figurativa. Articular a força da imagem é uma experiência que o professor pode encontrar, de preferência, diretamente na fruição da arte, há correspondências estéticas entre arte e vida. Sem uma mediação consciente e competente, em nível de sensibilização, por parte do educador de arte, o diálogo íntimo e profundo com a arte não acontece, nem suplanta as formas de leitura mais superficiais (PILLAR, 2001, p. 136).

Pensando no trabalho com imagens que levam ao desenvolvimento significativo de saberes, na educação infantil o professor é o mediador que tem uma grande responsabilidade, pois ele escolherá as produções culturais que atendam as várias possibilidades de explorar o conhecimento. Também, através delas, poderá haver a sensibilização da turma, o diálogo e também a escuta das crianças por parte desse profissional. Nestes momentos, sem dúvida, se conhece as experiências por elas obtidas e também seus desejos, permitindo, assim, explorar melhor aquilo que a criança tem como interesse, curiosidade, suas necessidades, oferecendo outros elementos que ainda não fazem parte do seu universo.

A imagem também poderá estimular os sentidos, na ascensão dos sentimentos e emoções provocadas pela expressividade da imagem, registros visuais que se configuram enquanto uma atividade que envolve o pensar e o sentir na construção de significados.

Para Meira (2001), a imagem, seja da arte ou da cultura, por sua natureza e pelo modo como permite interações, produz formas de comunicação que podem, ou não, corresponder a experiências simbólicas, trocas entre sujeitos, construção de sentidos e significados coletivos. Mas para que ela traduza valores humanos, precisa contextualizar-se na vida desses sujeitos, tornar-se mediadora entre seu imaginário e o imaginário social, como algo inserido na sua cultura, na sua vida. É preciso que se trabalhe a imagem como um valor, socialmente construído, uma forma de conhecimento, unindo o cognitivo e o afetivo e ambos às formas vinculares de comunhão com a cultura, para que a sensibilidade oriente um agir criador e transformador.

Buoro (2003) destaca que a leitura das imagens, realizada por crianças, abarca a premissa de que arte é linguagem, pois é uma construção humana que comunica ideias e o objeto da arte é considerado, portanto, um texto visual passível de interpretação. Esse adendo é essencial na educação infantil, pois as crianças pequenas ainda não dominam a leitura e a escrita, mas sabem fazer a leitura visual

de imagens, ou melhor, aprendem se lhes forem oferecidos repertórios diversificados e variados, tendo o adulto como mediador e estimulador desse processo.

Para a autora, existe uma interação entre o olho e o objeto artístico e cultural. Nesse processo as significações são geradas pelo texto visual. O olho do leitor percorre, no tempo e espaço, um caminho ao longo do qual são geradas significações que vão construindo sentido. Neste processo, o leitor vivencia, descreve, analisa, interpreta. Portanto, é de suma importância a disponibilização de produções culturais variadas nas interações da arte com a criança.

O exercício visual através de imagens poderá constituir-se como um elemento importante, podendo ser iniciado já na educação infantil, onde ainda não se tem a oralidade desenvolvida, mas apresenta-se a expressividade do olhar e dos gestos, nas relações com imagens.

Buoro (2003) destaca ainda a ampliação do espaço que a imagem ocupa no cotidiano do indivíduo moderno. Essas imagens estão presentes em livros, revistas, *outdoors*, internet, cinema, vídeo, tevê; e a maioria está ao alcance do ser humano, mas com grande quantidade de informação e pouca significação.

Larrosa (2002) contribui com as reflexões já apresentadas, uma vez que apresenta relações excessivas da educação e ciência, enquanto técnica. Teoria e prática, separadas no campo pedagógico entre os chamados técnicos, adeptos da educação tida como ciência aplicada, e os chamados críticos, partidários da educação como práxis política. E assim, possibilita tecer reflexões por outro viés, a *experiência*, abordando enganos de sujeitos que encararam o acúmulo de informações, conhecimentos e aprendizagens como premissa nos processos de ensino-aprendizagem. A etimologia da palavra experiência, através de idiomas diversos, traz significados que se assemelham ao sentido da experiência segundo o que nos toca, o que nos acontece, o que nos passa.

Analisando por esse contexto, a experiência não deve ser vista como um caminho pré-determinado até objetivos previstos, como metas a serem alcançadas. Mas como um salto para o desconhecido, sem previsões, para que se possa experienciar de forma singular. A imagem na escola deverá propiciar significativas experiências em caminhos incertos, produzindo saberes consoantes à diferença, à heterogeneidade e à pluralidade.

2.1 A IMAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil apontam a necessidade de conter em suas propostas pedagógicas a garantia à criança do acesso a processos de apropriação, articulação de conhecimentos e aprendizagem de diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão, como as artes plásticas, por exemplo. Esses conjuntos de práticas existentes no currículo da educação infantil devem buscar articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade.

Portanto, dentro do que as Diretrizes apontam, se faz necessário um estudo que revele alguns caminhos e pressupostos para se desenvolver o trabalho com as imagens e as produções artísticas existentes ao nosso redor. Alguns autores retratam essa importância e nos trazem sugestões de como encaminhar esse processo. Muitos estudos mostram a importância de se apresentar desde muito cedo as diversas manifestações artísticas e culturais para as crianças, inserindo no cotidiano escolar imagens que sejam trabalhadas de formas contextualizadas, em que a criança passa por experiências que a levem a ter contato com um mundo diversificado de produções acumuladas pela humanidade.

Buoro (2009) faz da imagem conteúdo e instrumento de ensino e aprendizagem, usa o diálogo entre prática e reflexão teórica, com o objetivo de “construir olhares” a partir do ver, observar, sentir, fazer, expressar e refletir.

Apesar de ser um produto da fantasia e da imaginação, a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Idéias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar, e não existe visão desinfluciada e isolada. Construimos a história a partir de cada obra de arte examinada pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais (BARBOSA, 2012, p. 21).

Para ela a arte é vista como linguagem e tem seu discurso específico. O “olhar” da criança se constrói, paulatinamente, na sala de aula, que parece um

espaço limitado. Mas ele se abre para outros espaços. A criança não pode compreender a arte se não a conhece. É tarefa do educador sensibilizar a criança para que possa ser um leitor crítico do universo artístico e cultural.

A criança é capaz de aproximar-se do objeto estético, comunicar-se com ele, refletir sobre a sua relação com as outras pessoas e com o mundo. O prazer nessa relação firma-se através de atividades em que a arte leva-a a enfrentar problemas e buscar soluções.

No universo infantil deve-se propiciar a construção e reconstrução das produções artísticas, culturais enquanto processos constantes, ultrapassando os modelos prontos e acabados que não permitem às crianças expandir seu olhar. O espaço educativo deve, necessariamente, priorizar e ampliar o modo de ver, ser, pensar e imaginar das crianças, encorajando-as a experimentação, ampliando assim suas possibilidades de criação.

Segundo Buoro (2003, p. 35), “[...] é fato comprovado que não há quem passe impune pela imagem, recusando-se a ser afetado por sua presença ou a de perceber os significados mais profundos nelas envolvidos”. Pensando e refletindo apontam para imagens que estão próximas, crianças muitas vezes querem pegar ou passar a mão, chamando a atenção do adulto para o que ele vê, ou seja, elas dialogam e se inter-relacionam com as imagens circundantes. Portanto, o olhar deve ser um olhar de encontro, descoberta sobre essa questão, na educação infantil, muitos bebês apresentam percepção, curiosidade, nas múltiplas relações entre a vida e a arte.

As crianças de educação infantil, por exemplo, olham uma imagem por mais tempo do que seus professores, [...] quando lêem uma história e apresentam as ilustrações, são confrontados com uma demanda, das crianças, por mais tempo para olhar, terminando de descobrir coisas que não haviam visto até então [...] (BUORO, 2003, p. 43).

Pensando nisso, quantos professores já não ouviram das vozes das crianças para esperar mais um pouco, quando mostram uma imagem ou também pedidos para que a mesma imagem seja mostrada novamente, pois querem e desejam descobrir mais coisas através do que estão vendo.

Portanto, não é só a criança que deve desenvolver esse olhar sensível, mas também o profissional que está realizando o trabalho, pois ambos, através da interação com imagens, imaginam, criam, compreendem, ressignificam, criticam,

escolhem, enfim, realizam inúmeras ações que contribuem de forma significativa para a formação humana, sensível e acadêmica.

Outro aspecto importante, pontuado por Buoro (2009), é que ultimamente as crianças têm sido vítimas do dilúvio de imagens pré-fabricadas, que geram um olhar rápido e sem significado. Assim, as imagens na escola poderão desenvolver um olhar mais sensível, em que a criança poderá desenvolver a capacidade de pensar e sentir através de imagens, construindo significados, gerando sentidos comprometidos com o conhecimento, com a experiência. Se as imagens são frutos da cultura, deverá haver olhares que apreciam, mas que também pensam, refletem, interpretam, avaliam e criam. O aspecto criador, junto à leitura de imagens, deve estar presente desde o berçário até a idade pré-escolar. As crianças da educação infantil devem estar rodeadas de produções artísticas culturais para que possam, desde cedo, estar imersas no mundo que as cerca.

Ainda de acordo com Buoro (2009, p. 16), “[...] nossa ação pedagógica é guiada pela concepção básica de que a arte pode ser ensinada e de que o educador é o condutor desse processo de aprendizagem”. Atualmente, múltiplas linguagens na educação infantil são alicerces fecundos na construção de significativos conhecimentos através da arte. As imagens podem propiciar e ajudar as crianças no aprendizado e desenvolvimento infantil. Através da utilização de produções artísticas variadas o professor poderá encaminhar atividades que poderão desenvolver nas crianças a curiosidade, a imaginação, a percepção, a criticidade diante do universo cultural em que se está imerso. Um dos objetivos do trabalho com a arte na instituição de educação infantil é desenvolver na criança a percepção visual do mundo e do universo artístico, ampliando seu repertório visual, contribuindo para a construção de um olhar crítico no exercício da cidadania (BUORO, 2009).

Esse aspecto ainda é um ponto frágil dentro dos espaços educativos de crianças pequenas, pois muitos profissionais se preocupam em fazer ou adquirir grande quantidade de imagens prontas, muitas vezes impostas pela mídia, e espalhar pela sala de aula, corredores. Assim, quando a criança chega a esse espaço já está tudo pronto e decorado. Ela não tem a opção de participar, escolher e inserir suas próprias produções no decorrer do ano. Mas estas questões já vêm sendo discutidas há algum tempo.

A ideia abordada nesse documento aponta o desenvolvimento artístico como resultado de formas complexas de aprendizagem, em que a arte para a criança,

desde muito pequena, sofre influência da cultura na qual está inserida. Através do contato com as produções artísticas, que estão presentes em inúmeros locais, como museus, igrejas, livros, revistas, vídeos, feiras, espaços urbanos, dão a oportunidade para que ocorra o desenvolvimento da imaginação criadora, da expressão da sensibilidade e das capacidades estéticas das crianças.

Ao observar imagens, as crianças têm suas próprias impressões, ideias, interpretações sobre aquilo que veem. A partir de observações atentas, exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos para as suas experiências. A fruição tem papel muito importante, pois quando a criança entra em contato com as produções artísticas e culturais suas emoções são provocadas, novas sensações e prazeres surgem, o pensamento emerge e a reflexão aparece durante a realização e apropriação deste contato.

Outro ponto abordado pelo Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil foi a importância do uso da imagem, de produções artísticas, quando são feitas de forma significativas e enriquecidas pela ação educativa intencional do educador. O pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição poderão, pelo intermédio da leitura e construção visual, ser desenvolvidos pela criança. Mas tudo isso necessita ser trabalhado de forma integral, favorecendo, desta forma, o desenvolvimento das capacidades criativas.

Quando um trabalho com imagens é pensado para a educação infantil, tanto para bebês como crianças maiores, deverá objetivar a priorização e a ampliação do conhecimento do mundo, que pode ocorrer através da percepção das diversas obras artísticas (regionais, nacionais e internacionais), pois à medida que entram em contato com esse universo vão ampliando seu conhecimento de mundo e de cultura.

A criança se apropriará da leitura visual como tradutora da visão de mundo de cada leitor, uma vez que o repertório individual também está incluso nesse processo de tradução sintonizado, de certa forma, com a particularidade da obra. A arte evidencia sempre o momento histórico do homem/autor. Cada época, com suas características, traduz o momento de vida nas relações sociais, políticas, culturais de um tempo e espaço.

Assim, Buoro (2009) aponta a arte como produto do embate homem/mundo, considera que ela é vida e, por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que (se) descobre, inventa e conhece. Por muito tempo se pensou que só a ciência era capaz de contribuir para o

conhecimento humano e para a dita evolução da sociedade. A arte era restrita ao campo da forma e da sensibilidade, intrínseca apenas à visão estética. Mas a referente autora alerta para a necessidade de resgatar a dimensão do homem como um ser social e cultural, leitor e intérprete, criador e criatura.

A obra de arte parece ser um objeto especialmente facilitador desse resgate, não só porque aglutina múltiplas formas de saber, mas principalmente porque uma obra de arte não é apenas objeto de apreciação estética; é fruto de uma experiência de vida desvelada pelo processo de criação do artista e pelo sistema de signo da obra. Partilhamos da sua criação quando no momento da leitura somos interpretantes, criando signos-pensamentos, habitando a obra, recriando-a (BUORO, 2009, p. 31).

Buoro (2009) também parte da concepção de que a arte é uma linguagem manifestada desde os primeiros momentos da história e estruturada, em cada época e cultura, de maneira singular. O conhecimento dessa linguagem poderá contribuir para maior conhecimento do homem e do mundo. Portanto, a finalidade da arte na educação é propiciar uma relação mais consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos que atuarão na transformação da sociedade.

Além do desenvolvimento da imaginação criadora e da percepção, destaca-se como questão importante a reflexão e a possibilidade do professor contribuir afetiva e cognitivamente para o desenvolvimento da expressão da criança. Ao expressar-se por meio da arte, a criança manifesta seus desejos, expressa seus sentimentos e pensamentos, enfim, expõe sua personalidade.

Ainda de acordo com Buoro (2009, p. 33), “[...] Precisamos conquistar um espaço para a arte dentro da escola, espaço que ficou perdido no tempo e que, se recuperado, poderá mostrar-se tão significativo como qualquer outra linguagem do currículo [...]”.

Muitos espaços educativos de crianças de zero a cinco anos de idade já realizam trabalhos significativos com produções artísticas e culturais. Através delas abre-se um caminho rico de possibilidades para o aprendizado, desenvolve-se a oralidade, o diálogo, o respeito pelas diferenças. A criança consegue expor o que sente ao observar imagens, ao construir imagens, imagina coisas de tempos e espaços que não conhece, formulando suas ideias e ampliando de forma bastante significativa e proveitosa o seu repertório artístico cultural.

Na educação infantil o trabalho com diferentes produções artísticas e culturais se faz importante, pois desde muito cedo as crianças aprendem a perceber que existem imagens que falam de diversas coisas, que representam épocas, espaços diferentes dos nossos e que fazem parte do acervo da humanidade. No espaço educativo, as imagens podem adentrar e se firmar como um importante elemento mediador e construtor de conhecimentos, nas múltiplas relações com o outro, com o mundo e com o saber acumulado historicamente.

3 A ARTE E A CRIANÇA: PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS ATRAVÉS DA ARTE

As pessoas vivem e respiram arte e cultura, mas muitas vezes com pouca qualidade estética. Não se pode esquecer que a arte é vista como elemento indissociável da cultura e do conhecimento, uma vez que é formadora de sujeitos.

Hoje a arte tornou-se central em muitos processos de articulação pedagógica, uma vez que está ligada a outros saberes. Nessa perspectiva, cabe ao professor educar os sujeitos para a ação, o gosto e a reflexão crítica sobre arte e a cultura, formando cidadãos conscientes, autônomos, transformadores e criadores.

Ostetto (2010) nos aponta que a arte é um campo do conhecimento que não se define pela norma, afirma que temos medo do desconhecido, por isso, a dificuldade da escola em lidar com a arte, pois ela pressupõe espaço para a imaginação, experimentação, criação, espaço para dúvida e erro. Mas ainda em muitos espaços educativos, pensados para crianças pequenas, se têm a pasta com moldes de trabalhinho, o que caminha passo a passo com a impossibilidade de criação.

O desafio para o educador está no exercício de um planejamento transformador do tempo que corre e nos escraviza (em busca de um produto final), em um tempo suspenso, pausado (entregue ao processo), que permite às crianças o pensar e fazer. A arte requer essa outra qualidade de tempo. E uma outra qualidade de espaço também (OSTETTO, 2010, p. 33).

O profissional da educação infantil, portanto, possui também a tarefa de desenvolver na criança a sensibilidade e a consciência, discutindo as diferenças e respeitando suas especificidades, entendidas como a garantia de viver a sua infância, tendo a brincadeira e as interações como eixos norteadores de todo o trabalho pedagógico na educação infantil, como consta nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. O lúdico, o imaginário, os sentimentos, os desejos, as emoções, as curiosidades, as afetividades e os movimentos também não podem faltar nesse processo.

Aos profissionais da educação infantil também é tarefa cuidar da estética dos espaços pelos quais as crianças circulam todos os dias, cabe a esse adulto

refletir sobre o que as crianças veem, e assim direcionar o que escolhem para estar nas paredes. Pois através da arte temos muito a aprender, então podemos dialogar com ela, seja conhecendo um artista ou sua obra.

Barbosa (2012) elucida alguns caminhos possíveis rumo à alteridade dos sujeitos em consonância com a linguagem presente na arte. Propõe uma abordagem que torne a arte não só um instrumento do desenvolvimento das crianças, mas principalmente um componente de herança cultural.

Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é de uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano. Arte é qualidade e exercita nossa habilidade de julgar e de formular significados que excedem nossa capacidade de dizer em palavras. E o limite da nossa consciência excede o limite das palavras (BARBOSA, 2012, p. 04).

Ainda hoje, mesmo com muitos estudos e pesquisas que apontam para a importância da arte na escola, o trabalho pedagógico na educação infantil prioriza, muitas vezes, outras áreas do conhecimento. A arte é deixada, quase sempre, de lado, esquecendo que através da arte a interpretação do mundo pode ser sensível, agradável e prazerosa para a criança. Alguns profissionais da educação infantil não exploram essa linguagem por não gostarem, outros por não saberem como desenvolver esse trabalho diante das produções artísticas, enfim, inúmeros motivos podem ser citados para lembrar por que a arte é deixada de lado. Mas deve ser tarefa de todos os envolvidos na educação garantirem que a arte seja trabalhada nos espaços educativos, e com qualidade.

Além disso, cabe ressaltar que se faz necessário criar estratégias adequadas para estimular o fazer artístico e a apreciação estética em todas as camadas sociais, pois não é possível o desenvolvimento de uma cultura sem o desenvolvimento das suas formas artísticas. O ensino da arte dentro do espaço educativo pode desenvolver os seres humanos para estimular inteligências e criatividade através do contato com o universo artístico e cultural.

Para Ostetto (2010), as crianças sentem imenso prazer em melear, criar, utilizar diferentes materiais, para expressar sua criação, mas para isso muitos educadores precisam repensar suas concepções de sujeira. A experiência estética é para ela também uma experiência de liberdade, possibilidade de escolha. É

necessário o adulto também recuperar essa dimensão inventiva e descobridora para assim poder oferecer às crianças instrumentos que aumentem sua sensibilidade, muitas vezes é necessário retirar a repressão que a impede de manifestar processos criadores e criativos. Para ela o educador é a pessoa-chave para mediar os caminhos da criança no mundo simbólico da cultura, da arte, assim o professor também amplia suas possibilidades.

O professor precisa alimentar sua expressão e conectar-se com ela, precisa reconquistar o seu poder imaginativo, se pretende e deseja garantir a criação, a expressão das crianças. A educação do educador é essencial e, no que diz respeito à arte, passa necessariamente pelo encontro do espaço lúdico dentro de si, pela redescoberta das suas linguagens, do seu modo de dizer e expressar o mundo (OSTETTO, 2010, p. 38).

Barbosa (2012), inclusive, indica a importância da arte como forma de expressão e comunicação desde o tempo das cavernas. A arte, apesar de representar a herança cultural de uma sociedade, o espaço reservado para sua aprendizagem na escola formal ainda é bem pequeno. Só um fazer consciente e informado torna possível a aprendizagem significativa em arte. A arte no âmbito escolar almeja a formação do conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte, das manifestações culturais, enquanto sujeito que interage e cria mediante as relações com os mesmos.

Ainda para Barbosa (2012), o mais importante não é ensinar estética, história e crítica da arte, mas desenvolver a capacidade de formular hipóteses, julgar, justificar e contextualizar julgamentos acerca de imagens e de arte.

O professor deve ter consciência de tal fato, pois muitas crianças só terão acesso às produções culturais de qualidade dentro do ambiente escolar. Então, esse profissional precisa estar preparado, pesquisar materiais diversificados e de qualidade, ou seja, ele necessita ampliar seu próprio repertório cultural.

Segundo Ostetto (2010), é necessário que o professor aprenda a desenvolver na criança suas formas de conhecer, apropriar-se do mundo e expressá-lo. Para tanto se faz necessário construir uma prática pedagógica que alargue as oportunidades de acesso à riqueza da produção artístico-cultural, e promover a aproximação das crianças aos diferentes códigos estéticos, ampliando seus repertórios e vivências culturais. É preciso encorajar as crianças a

experimentarem, tocarem, manusearem, explorarem, inventarem e produzir diferentes materiais.

É de grande valia expor e ler também as produções das crianças para que possam realizar novas leituras. E é de suma importância ler imagens da produção cultural e artística, mas também as imagens criadas pelos próprios alunos, sendo o desenho infantil um registro muito importante nessa faixa etária.

Como seres sócio-históricos que somos, interagimos com a realidade que nos cerca, somos afetados por relações, imagens, situações, acontecimentos, emoções. Então, nossos repertórios constituídos ao longo da vida, são acionados a cada encontro com o outro – pessoas, lugares, paisagens, obras, objetos, conceitos. É com eles que vamos significando o mundo, fazendo a leitura do que nos rodeia e nos acontece. Quanto maior o repertório, maior a possibilidade de estabelecer diálogo com as “coisas do mundo”, com o mistério da vida. Assim é para a arte como para todos os campos da vida humana (OSTETTO, 2010, p. 30).

Nesse sentido, na infância aprende-se aquilo que é essencial para toda a vida, para isso é necessário conhecer a criança que é única, singular em sua maneira de agir, pensar, sentir, de ser e seu modo de viver a infância. Essa primeira etapa da educação básica, da vida do ser humano, é repleta de grandes conquistas e aquisições. O que e como se aprende ao longo da infância pode ser determinante para toda a vida, lembrando que cada indivíduo tem uma visão de mundo diferente, com suas crenças, valores e conhecimentos, que devem ser levados em conta. Assim, a imagem surge como um importante elemento na construção de conhecimentos. Portanto, deverá emergir no âmbito educacional de forma consonante às especificidades da educação infantil, às características cognitivas da criança, bem como às leis que aportam as propostas pedagógicas desta etapa.

Também se faz necessário refletir sobre os bebês nesse processo, pois cada um descobre um jeito próprio de se expressar e cabe ao adulto observar e perceber de que maneira poderá ampliar e contribuir para que o repertório oferecido sejam significativos. Muitas vezes os bebês reagem dentro do esperado, mas por que não diante de uma imagem surpreender-se com o inusitado.

É importante o adulto apoiar as descobertas dos bebês, seja pelo balbucio, pelo toque, gesto, choro, riso. Enfim o bebê se comunica com o que lhe é oferecido. Em alguns momentos nessa faixa etária se faz necessário um trabalho mais individual, mas o coletivo também é muito importante, pois permite às crianças

observarem os outros a se expressarem. O adulto mediador deverá ter clareza do momento e de intervir junto aos bebês quando julgar necessário.

O trabalho com esses seres tão pequenos exige reflexão de propostas, pois o adulto precisa instigar as crianças a terem contato com o repertório artístico, com os bebês, sugere-se que tragam novidades, mas que também a repetição se faça necessária.

Hoje os bebês já são considerados pela sua competência social, se relacionam com outros sujeitos, sejam eles da mesma idade ou não. Eles falam muito mais com o corpo, sendo necessário o adulto estar atento para que realize um trabalho de qualidade com os pequenos, que os valorize nas suas conquistas, que considere sua forma de interação e comunicação.

Outro aspecto fundamental, é a disposição do (a) profissional para a relação, ser professor ou professora de bebês significa estar na relação com eles, entregar-se de corpo e mente. Essa demanda tem incidência na própria dimensão corporal do adulto, que precisa abaixar-se para olhar nos olhos dos bebês, anunciar as suas ações quando tem uma relação direta com eles, estar próximo e disponível, olhar com atenção, tocar com cuidado e anunciar suas intenções (COUTINHO, 2012, p. 255).

Ostetto (2010) afirma que na educação infantil há a necessidade de um trabalho que considere as múltiplas linguagens da infância, e não o que se tem visto, um empobrecimento da arte que tem um único fim no fazer e visando um produto, que trabalha apenas com o exercício de habilidades específicas, os tão conhecidos trabalhinhos que depois irão para as pastas das crianças. Para a autora a arte na educação não se resume a momentos e atividades isoladas, implica na totalidade do olhar, da escuta, do movimento, que se expressa mobilizando todos os sentidos e isso se realiza no dia a dia. E a arte na educação infantil poderá contribuir para ampliar o olhar da criança sobre o mundo, a natureza e a cultura, diversificando e enriquecendo suas experiências sensíveis – estéticas, por isso, vitais.

3.1 A ARTE E A CRIANÇA SEGUNDO AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O artigo 4.º da Resolução CNE/CEB⁴ n.º 05/2009 aponta que as propostas pedagógicas, de modo geral, deverão considerar a criança como centro do planejamento curricular, pois se constitui sujeito histórico e de direitos, que nas interações, relações e práticas cotidianas vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

O desenvolvimento da criança acontece por meio da relação que ela estabelece com outras pessoas e com o meio em um contexto histórico e social e as interações estabelecidas com os outros e com o meio.

Momentos de experiências diversificadas, motivadoras e enriquecedoras devem ser oferecidos às crianças para que possam desenvolver suas capacidades, o profissional deve assumir esse papel do adulto que promove ações e interações de qualidade para a criança.

Nessa perspectiva o papel do espaço educativo é promover apropriação de determinados conhecimentos, portanto, o trabalho em sala de aula precisa ter intenções claras, fornecendo à criança propostas que promovam a aprendizagem, que contribuam para a construção do conhecimento.

Numa perspectiva de trabalho em que se consideram as múltiplas linguagens da criança, a educação estética deverá oferecer enriquecedor repertório artístico. As imagens do universo artístico e cultural poderão servir de base ao trabalho com crianças de zero a cinco anos, fornecendo estímulo inicial para o desenvolvimento de sua sensibilidade, em consonância com aspectos cognitivos.

A arte sempre foi e será uma linguagem importante para a expressão e comunicação humana. Através dela é possível o ser humano exprimir emoções, sensações, pensamentos, podendo utilizar-se dela para expressar suas experiências, suas vontades, seus sentimentos, sua imaginação, perpassando os processos de representar e criar, de ser e agir.

⁴ CNE/CEB – Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica.

Assim, quando o professor trabalha com a leitura de imagens, provoca sensações nas crianças como a observação, a descoberta e os interesses desses pequenos. Com crianças maiores já surgem as verbalizações, instigando a descrição daquilo que está sendo visto. Pode fornecer dados e instigar as crianças à curiosidade sobre a vida do autor, bem como a época e ao mesmo tempo aproveitar para que esse trabalho abra caminhos para o desenvolvimento de outras linguagens. Vale a pena salientar que a ênfase à leitura de imagens na educação infantil é dada aos aspectos estéticos presentes na obra.

Pensando em situações ricas e diversificadas, cabe aqui ao professor/educador de crianças de zero a cinco anos fazer esse papel de mediador e levar até os pequenos essa grande e diversificada produção cultural que foi produzida pela humanidade, seja local, nacional ou até mesmo internacional, diversificando autores, assuntos, técnicas, enfim, possibilitando um repertório rico que será explorado pelas crianças com entusiasmo, tornando-se aprendizagem rica e significativa para futuros cidadãos.

Outro aspecto levantado no RCNEI é a visão das crianças sobre a sua própria produção a partir das imagens. É necessário, sem dúvida, que elas falem sobre suas criações, pois assim reformulam suas ideias, constroem novos conhecimentos, desenvolvem o contato social com os outros, destacando o reconhecimento de sua singularidade no momento da criação.

Também é apontada, nesse mesmo material, a possibilidade para o trabalho com leitura de imagens em grupo, em que ocorre a experiência de contato com o outro. O diálogo entre as crianças e os adultos desenvolve o respeito, a tolerância, a diversidade de interpretações ou atribuições de sentido às imagens. Assim, ocorre uma interação ativa, pois a observação, a apreciação, a verbalização e ressignificação das produções acontecem ao mesmo tempo. Durante todo esse processo de troca e relação com o outro, a imaginação, a ação, a sensibilidade, a percepção, o pensamento, a cognição estão em pleno desenvolvimento.

A arte na educação infantil deve ser compreendida como linguagem que constrói objetos plenos de sentido, pois quando se conhece e compreende a diversidade artística e cultural a criança estabelece contatos com as imagens existentes nos diversos meios. As atividades desenvolvidas com as imagens levam a criança a apreciar, refletir e a buscar significados nas imagens da arte.

Outro aspecto importante, enquanto se pensa na educação infantil, no universo infantil e suas especificidades, é o brincar. Toda criança brinca, mesmo que o adulto lhe tire todos os objetos ao seu redor, ela usa sua imaginação e inventa um boneco imaginário, acha um cisco no chão e começa a criar coisas. Portanto, não se pode pensar num trabalho com as produções artísticas sem ter em mente que esse universo infantil gira em torno das brincadeiras, através delas, as crianças se movimentam e interagem com o mundo que as cerca.

Maria Carmem Silveira Barbosa (2009) aponta dois pontos essenciais no trabalho com a educação infantil, o brincar e o movimento, que são as necessidades vitais para o desenvolvimento das crianças. A ação de brincar leva as crianças aos relacionamentos grupais, em que acontece a interação e a comunicação com ela mesma e com os outros, fatores fundamentais nos processos de crescimento e desenvolvimento infantil.

Mas como atrelar o brincar e o movimento à leitura de imagens na educação infantil? Essa pergunta traz à tona a reflexão sobre o trabalho variado com as diferentes linguagens nesse período de zero a cinco anos. O trabalho com a imagem, muitas vezes, está separado do brincar, do movimento. Mas pode ser um aliado interessante, um servindo de base para o outro, dando oportunidade para as crianças explorarem as produções artísticas, também com o corpo em diferentes espaços.

A autora também lembra que as práticas cotidianas na educação infantil têm momentos de conversas, histórias, diferentes modos de brincar e de realizar experiência com as linguagens. Há momentos para higiene, alimentação e horário do sono, em que estão ludicamente aprendendo e desenvolvendo hábitos, participando de sua cultura e dos modos de viver em comunidade. A escola deve ser pensada num lugar que promova a satisfação pessoal e a alegria de estar junto, fugindo das padronizações, para romper com o cotidiano e ampliar os sentidos.

Faria e Salles (2007), ao analisar o currículo na educação infantil, partem da premissa de que a criança é um sujeito sócio-histórico-cultural, cidadão de direitos, um ser da natureza que tem especificidades no seu desenvolvimento. Então tem desejos, ideias, opiniões, capacidade de decidir, de criar, de inventar, que se manifestam, desde cedo, nos seus movimentos, nas suas expressões, no olhar, na fala. Essas formas de compreender o mundo são construídas historicamente na cultura do meio social em que a criança vive.

As crianças nascem imersas em um mundo já estruturado, em uma cultura em que vários conhecimentos e valores foram construídos e diversos instrumentos e procedimentos foram elaborados. Elas se mostram ávidas para explorar esse mundo, e conhecendo-o também têm a possibilidade de transformá-lo e ressignificá-lo.

As crianças estabelecem relação entre todas as coisas e fatos, criando suas próprias hipóteses e explicações para entender esse mundo que, cada vez mais, se abre à sua frente. Sua curiosidade é enorme e se manifesta de forma cada vez mais ampla, à medida que vão tendo contato com os vários sujeitos de sua cultura, em suas experiências e vivências cotidianas (FARIAS; SALLES, 2007, p. 47).

Essa fase em que a curiosidade e a vontade de aprender estão presentes nas crianças deve ser aproveitada de maneira a despertar nelas cada vez mais o gosto e o prazer em adquirir novos conhecimentos, em especial com as produções artísticas. Esse mundo que para elas ainda é uma descoberta, traz inúmeras hipóteses sobre tudo que conhecem e veem, nesse sentido, muitas produções artísticas podem aguçar essa curiosidade, levando ao conhecimento de toda uma cultura.

[...] quanto mais experiências alicerçadas em relacionamentos sociais, mais possibilidades as crianças terão de ampliar seus conhecimentos e de se desenvolver. Ao se relacionar harmoniosamente com a natureza, ao se apropriar dos saberes da cultura e transformá-los, as crianças irão se desenvolver física e afetivamente, bem como o ponto de vista cognitivo-lingüístico, social, ético e estético, construindo sua identidade, autonomia e formando-se como cidadãos (FARIAS; SALLES, 2007, p. 48).

A percepção é importante para a criação e para qualquer atividade infantil. Criando e manipulando atividades do cotidiano, as crianças aprendem a perceber os objetos e fenômenos à sua volta, bem como suas qualidades estéticas. Portanto, quando a criança entra em contato com imagens variadas ela terá um repertório mais ampliado e diversificado que servirá de base para outras aprendizagens.

As instituições que valorizam a cultura da infância realizam um planejamento de tempos e espaços capazes de propiciar, às crianças, múltiplas e variadas experiências plásticas. Tais crianças crescem, então em meio à diversidade cultural, são incentivadas criativamente e desenvolvem juízos estéticos e apreciativos (MELO *et al.*, 2010, p. 103).

Essa diversidade cultural é muito importante dentro das salas de aula da educação infantil, mas ainda há preponderância do uso de imagens prontas por muitos professores, prejudicando o desenvolvimento criativo da criança. As manifestações artísticas bem como as imagens na sala de aula devem oferecer inúmeras possibilidades de trabalho em prol da educação estética.

Melo *et al.* (2010) enfatizam que o fazer artístico está ligado à organização do tempo e espaços e que o tempo deve ser, na instituição infantil, não apenas sucessão dos anos, dos dias, das horas, mas deve envolver noções de presente, passado e futuro, com momentos ricos e disponíveis para a criação e para a leitura de imagens que apresentam essa oportunidade de diálogos múltiplos. E na arte a estética pode ser exercida plenamente, porque a arte exercita diversificados olhares reflexivos e provoca a percepção estética mais pura.

3.2 IMAGENS: A LEITURA VISUAL E O UNIVERSO INFANTIL

As imagens na sala de aula, na educação infantil, muitas vezes, apresentam-se como modelos estereotipados que objetivam, na grande maioria, apenas enfeitar estes espaços. Muitos professores, ainda preferem enfeites prontos, achando que aquilo é mais bonito a seus olhos, não deixando as crianças criarem ou explorarem estes espaços através de propostas estéticas e artísticas. A concepção de criança que participa do processo, expressa gostos e opiniões, é a que deve ganhar cada vez mais ênfase nos processos de ensino e aprendizagem.

Ostetto (2010) afirma que o excesso de estímulo visual acaba escondendo o que pretende mostrar, causando a tão famosa poluição visual. Também é necessário permitir o “silêncio da parede vazia”, novos protagonistas podem deixar suas marcas, renovar imagens é importante na educação infantil, pois caso contrário recai na pobreza da mesmice ou do simplificado formatado.

Para a autora, as imagens presentes nas salas e espaços da educação infantil atuam na formação do gosto, funcionam como “modelos de ser e de agir”. Quando se usa personagens midiáticos (Barbie, Disney, etc.) trabalha com a visualidade dominante e reduz as possibilidades de ampliação de repertórios de

imagens. Convivem em casa e no espaço educativo. É uma experiência de ver o já conhecido, repetidas vezes, que formata e determina a percepção. Muitas vezes essas imagens são referências do que é bonito, feio, meigo, forte.

Um ambiente que constrói experiências estéticas significativas revela, no saguão, nos corredores, na sala de atividades, nos muros da instituição, as produções plásticas das crianças, sejam desenhos, pinturas, colagens e esculturas, ou seja, todas as marcas da cultura da infância. É uma forma de compartilhar e expor o potencial e a criatividade das crianças, demonstrar o quanto a valorizamos e respeitamos o que fazem.

Ver o mundo com os olhos das crianças, sentir, experimentar, parar o tempo, descobrir, permitir-se brincar. Estas deveriam ser as premissas do trabalho do professor de primeira infância em consonância com a educação estética.

É preciso buscar um ambiente em que as crianças, suas famílias e seus educadores, possam apostar e acreditar que se pode cuidar e educar desafiando os pequenos. Ambiente em que esses protagonistas possam se expressar nas várias e diferentes formas lingüísticas. Deve-se considerar os ambientes em que os pequenos aprendam a se apropriar, ambientes em que se sintam acolhidos e seguros, expressando, assim, a cultura da infância e do mundo contemporâneo (MELO *et al.*, 2010, p. 110).

As produções culturais têm papel de destaque na vida do ser humano. A criança se comunica com o mundo a partir das suas interações com a sociedade, conhecendo, muitas vezes através de uma imagem, valores e a cultura circundante. Cultura enquanto bens, materiais e imateriais, que dão luz a características de um povo, ou seja, tudo aquilo que está ao redor da vida das pessoas, o que se ouve, vê e tem acesso ao longo da vida. Essa cultura se conhece na relação com o outro à medida que o conhecimento chega até o indivíduo.

Outro ponto importante, segundo Melo *et al.* (2010), reside nas diferentes oportunidades de aprendizagem presentes em nossa gestão do tempo e espaço. Nesse contexto, consideram as artes como um meio de desenvolver todas as formas de linguagem da criança, pois na arte encontra-se uma forma de encantamento que nos permite descobrir luzes, cores, formas, timbres e falas. A arte é essencial na constituição do sujeito como realmente um processo de humanização.

É preciso pensar também na criança, no tempo que se destina à sua criação e experimentação e, também, na forma como respeitamos o seu processo criativo. O desenvolvimento da criação artística não pode ser vivenciado de forma isolada. Ela

é um todo que envolve formas, linguagens, brincadeiras, corpo, experimentos, materiais, lugares, sensações e até mesmo convivência.

A criança é um ser curioso, conhece o mundo primeiramente através dos sentidos e é movida por uma busca inesgotável de compreender e aprender tudo o que está ao seu redor. É essa força motriz que tanto nos intriga. As diversas propostas na rotina das crianças pequenas devem propiciar diferentes experiências e promover a exploração dos sentidos, aguçados com a escolha dos materiais, meios e suportes, que permitam o processo de criação (MELO *et al.*, 2010, p. 111).

A partir dessas experiências, é possível dar forma ao mundo. Em sua relação com o mundo, as crianças são capazes de ir além dos objetos que lhes são apresentados, ou seja, as imagens podem servir de suporte para novos conhecimentos. Materiais e imagens são objetos simbólicos nas mãos das crianças, suas representações revelam suas percepções, conhecimentos e sentimentos em relação ao que lhe fora apresentado. Desde os primeiros gestos e toques, contado com tintas e massas, como também desde os primeiros traços no papel, a criança deixa sua marca.

[...] é necessário além do sentimento, um ato criador que o supere. A arte só se realiza quando se consegue vencer o sentimento, sendo, portanto, um ato de criação que envolve aspectos da cognição e da linguagem usada para exprimi-la. Nesta perspectiva, os sentimentos fazem parte da obra de arte, mas não se transformam nela. A arte deve plasmar de tal modo os sentimentos que o homem descubra algo de novo, uma verdade mais humana e elevada. Vygotsky vê ainda a arte como um trabalho, produto da atividade humana [...] afirma que o conteúdo não se introduz de fora da obra, mas o artista o cria nela (FREITAS, 2003, p. 76).

Toda produção humana nasce inserida em uma cultura, e essa cultura influencia diretamente as crianças pequenas. Toda aprendizagem nasce da interação do homem no meio social em que vive. Segundo Vygotsky (2009), o pensamento e o sentimento movem a criação humana, e essa criação é que deve ser apresentada através das produções artísticas acumuladas ao longo da história da humanidade.

Algumas crianças já trazem de casa esse gosto pelas produções artísticas, algumas vivenciam essas imagens com as pessoas com as quais se relacionam. Mas o papel da escola é também o de proporcionar o contato com as produções artísticas, locais e globais, fazendo dos pequenos os fruidores, intérpretes, que desde muito cedo terão acesso à cultura presente na sociedade em que vivem.

Alguns estudos fazem apontamentos de como realizar análises em relação às obras de arte, mas deve ser pensado que a maioria das teorias em arte não é específica para a educação infantil. É necessário, portanto, que cada profissional pense a sua realidade e adeque o processo da leitura.

Para analisar uma obra de arte ou uma imagem, Buoro (2003) mostra como é feita a análise de imagens e como se desenvolve um olhar crítico segundo o professor Willian Ott. Essa proposta aponta alguns enfoques. Os principais são: a observação, a análise, a imaginação, a criatividade e a expressão.

A teoria de Ott ensina o professor a utilizar-se do processo de leitura de imagens através de cinco estágios de apreciação:

1. **Descrição** – a criança apenas olha o objeto e descreve;
2. **Análise** – destacar os elementos e as estruturas da linguagem plástica para perceber como a produção artística foi feita;
3. **Interpretação** – a criança fará interpretações sobre os objetos, expressando seus sentimentos em relação àquilo que vê;
4. **Embasamento** – ampliação do conhecimento do aluno, com informações sobre o que está à sua frente, sobre o artista e o conjunto da obra;
5. **Revelação** – a criança, depois de passar pelos quatro estágios anteriores, está mais submerso nos meandros da imagem e pode criar um novo trabalho usando qualquer linguagem da arte verbal, gestual, plástica e musical.

Na educação infantil a sequência acima descrita pode ser mais dinâmica, bem como poderá haver a junção de alguns dos estágios. O processo pode ser variado, cabendo ao profissional que está em sala perceber qual é o interesse das crianças naquele momento e o que mais gera entusiasmo e aprendizagem a partir de uma determinada imagem. As crianças pequenas apontam alguns caminhos a seguir, basta saber ouvi-las. O que se vê se integra ao que se imagina e ao que se relaciona/memórias.

O revelar condiz com a criação de um trabalho novo, não sendo necessário na educação infantil somente integrar a linguagem da arte neste momento. Pode também usufruir-se de outras linguagens, como matemática, natureza e sociedade, linguagem escrita e oralidade, atrelando sempre às brincadeiras, jogos, brinquedos e às interações.

[...] é preciso resgatar a dimensão do homem como ser social e cultural, leitor e intérprete, criador e criatura. A obra de arte parece ser um objeto especialmente facilitador desse resgate, não só porque aglutina múltiplas formas do saber, mas principalmente porque uma obra de arte não é apenas objeto de apreciação estética; é fruto de uma experiência de vida desvelada pelo processo de criação do artista e pelo sistema de signo da obra. Partilhamos da sua criação quando no momento da leitura somos interpretantes, criando signos-pensamentos, habitando a obra, recriando-a (BUORO, 2003, p. 31).

A autora diz que é essencial notificar que o processo de leitura de imagens deve fazer parte dos próprios processos de ensino e aprendizagem, tanto no fruir, no conhecer, no refletir, no interagir, quanto no fazer, no experimentar, no criar e recriar. Comunicar-se e expressar-se através das linguagens artísticas, bem como conhecer os códigos que compõem as mesmas, são premissas de qualquer proposta de trabalho com arte.

Quando se fala em releitura, Buoro (2003) entende como uma tradução de significação do objeto para uma nova construção, buscando nessa ação a ressignificação do mesmo objeto. Em toda nova produção o sujeito elabora uma nova interpretação, partindo para a criação.

Nesse sentido, as crianças pequenas têm grande interesse por propostas de atividades que seguem esse pensamento. Muitas vezes dão, inclusive, novas opções e possibilidades para o educador repensar o seu trabalho, mas para isso o profissional deve saber ouvir e respeitar os desejos e vontades das crianças. Aquilo que foi pensado, planejado, pode tomar outros caminhos, basta analisar e identificar o que os pequenos desejam e sugerem durante as atividades com o uso de imagens. O que para um adulto tem significado e parece ser de grande importância, para a criança pode ser algo que não a faça sentir interesse ou provocar curiosidade.

Duarte Jr. (1981) sustenta em sua teoria que a arte para criança até o princípio da adolescência se constitui essencialmente numa atividade, num fazer, que poderá estar relacionado ao objeto a ser fruído. A arte tem importância na medida em que constitui uma ação significativa ou significante. A atividade artística no mundo infantil adquire características lúdicas, isto é, tem o sentido do jogo, em que a ação em si é mais significante que o produto final conseguido. O importante é o processo da criança, o seu pensamento, os seus sentimentos, as suas percepções, e as reações ao seu ambiente. Não se pode encarar a arte infantil sob o prisma da estética, do ponto de vista da produção de objetos belos e harmoniosos, é

preciso considerar o produto em relação ao caminho percorrido, em relação à atividade significativa e expressiva que lhe deu origem.

Ostetto (2010) diz que é necessário garantir oportunidades para a expressão viva da criança, o que não deve ser confundido com a tão conhecida “livre expressão”. Para mobilizar os sentidos é essencial o enriquecimento de experiências, promovendo encontros com diferentes linguagens, alimentando a imaginação.

Para isso a autora afirma que é necessário o professor colocar-se como um interlocutor privilegiado, que dará suporte às crianças em sua criação; e tem o papel também de permitir a circulação de diferentes significados, de socialização dos bens culturais produzidos pela humanidade.

A arte permite a organização das experiências da criança, ela sente prazer naquilo que produz. O processo artístico, em si mesmo, proporciona um meio de desenvolvimento social. A arte tem sido frequentemente considerada um meio primordial de comunicação e, como tal, converte-se em expressão social mais do que pessoal.

Esse sentido de consciência social, para Duarte Jr. (1981), é o início da compreensão de um mundo mais amplo de que a criança passou a fazer parte. A arte não se pauta por padrões a ela exteriores, através da arte a criança se exprime de acordo com seus processos de sentir, pensar e perceber, que são diferentes do adulto e sofrem mudanças de acordo com seu crescimento.

Ainda para Duarte Jr. (1981, p. 106), “[...] a arte infantil precisa ser respeitada e compreendida na própria medida em que constitui a extensão de seu ‘eu’ e a organização de suas relações com o mundo e não na proporção em que visa a confecção de ‘belas’ obras”.

A educação pela arte, através das imagens, se constitui um fecundo campo rumo à harmonia entre o sentir, o pensar e o agir. A aprendizagem não significa, meramente, acúmulo de conhecimento, também implica uma compreensão de como esses conhecimentos podem ser utilizados.

Não é simplesmente tornando a arte uma disciplina curricular que a educação institucional se voltará para o desenvolvimento integral e mais harmônico dos educandos, mas é necessário considerar que a arte é um fator importante na vida humana, na medida em que permite o acesso a dimensões não reveladas pela

lógica, pelo pensamento discursivo. Através dela se opera a educação dos sentimentos auxiliando dialeticamente na educação do pensamento lógico.

Vale pontuar, que cada indivíduo tem um acervo de imagens em sua memória, que se constrói ao longo de uma vida, por isso que diante de uma obra de arte cada pessoa terá uma maneira diferente de interpretá-la. Muitas vezes, quando se observa algo, lembra-se de outras coisas, sentimentos e pensamentos surgem, fazendo uma relação com aquilo que foi aprendido um dia. Através desse contato com a arte e as produções artísticas o indivíduo é levado para outros mundos, experimentando diversas sensações e sentimentos.

A criança, nesse processo de leitura de imagens, também é vista como um sujeito histórico, que traz marcas da sociedade na qual está inserida, pois pertence a uma classe social, uma religião, tem um pertencimento. Todas essas marcas influenciam de alguma maneira a sua forma de analisar e interpretar as produções artísticas, sendo necessário respeitar sua interpretação e sua singularidade. Percebe-se aí a necessidade de lhe oferecer um repertório amplo e diversificado, para que essas crianças possam cada vez mais aprender com aquilo que foi produzido pela humanidade ampliando o conhecimento do mundo em que vivem.

A imagem, portanto, deverá estar atrelada a diferentes formas de expressão, cognição e afetividade, ao corpo e à mente. Na relação com o outro e com a diversidade de contextos, as imagens poderão proporcionar múltiplos olhares. Quanto mais experiências forem oferecidas às crianças no contato com imagens, as creches e pré-escolas firmam-se como espaços privilegiados para a apropriação e ampliação de conhecimentos. E neste processo haverá gradativamente também o aprender a se posicionar perante esse universo.

Toda essa gama de conhecimento oferecida para as crianças ficará arquivada em suas memórias, que servirá de base para suas produções. Elas levarão para o resto de suas vidas um repertório rico, um conjunto de memórias e lembranças de experiências que vivenciaram, que gerou conhecimento artístico cultural, vivenciado através de experiências estéticas ricas e de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte está presente na vida do ser humano desde o início das civilizações e com o desenvolvimento da sociedade ela também se desenvolveu, tendo, portanto, um acúmulo de produções artísticas culturais ao longo da história da humanidade. A arte traz muitos significados, pois é uma forma de criação, desenvolve na criança e no adulto a sensibilidade, carregando influências culturais e também marcas do seu tempo.

Quando se fala na utilização da imagem na sala de aula, não significa apenas o trabalho com a obra de arte, mas também cartazes encontrados em diferentes lugares, rótulos, imagens de jornais e revistas, folhetos de propaganda. A cultura visual transcende as características formais da imagem, pois engloba uma percepção sensível do mundo.

Durante muito tempo a estética esteve atrelada à beleza. Beleza muitas vezes idealizada, onde tudo é perfeito. Hoje já se sabe que a beleza depende da mente e dos olhos de quem vê e o padrão de beleza também muda através do tempo, espaço e cultura nas quais o indivíduo está inserido.

A arte abre espaço para que as pessoas encontrem inúmeros sentimentos diante daquilo que veem e experienciam. As obras de arte provocam sentimentos e esses sentimentos estão ligados, muitas vezes, a subjetividades humanas, ou seja, à maneira pela qual a pessoa encara a vida, modos de compreender o mundo e até mesmo preconceitos.

Assim, poder-se-á desenvolver a sensibilidade através do contato com o universo artístico desde a educação infantil. Vale ressaltar que os sentimentos e as emoções estão atrelados à percepção de mundo, ao pensamento crítico, à interação com o meio circundante.

Na educação infantil pode-se, portanto, desenvolver a sensibilidade das crianças através da experiência estética. Através do contato com produções artísticas as crianças descobrem, experimentam, sentem, dão ideias e falam daquilo que vivenciam, se comunicam e se expressam através do olhar, dos gestos, enfim, com o próprio corpo.

Como já apontado, é essencial nos processos de leitura de imagens na educação infantil apresentar um repertório diversificado de produções acumuladas ao longo da história. Pois, muitas vezes, só no espaço educativo é que terão acesso a esse acervo. O adulto mediador, portanto, é responsável por esse processo. Deve, neste sentido, ter consciência da importância de oferecer às crianças esse repertório diversificado e de qualidade.

O trabalho com as imagens contribui para as crianças desenvolverem a sensibilidade, a imaginação, pois provoca muitas sensações, podendo ser o carro-chefe de muitos trabalhos dentro das unidades educacionais. A criança nesse processo é vista como espectadora, fruidora, e também como agente ativo que cria de acordo com o seu nível de desenvolvimento.

A imaginação é um elemento primordial na leitura e construção de imagens. O adulto deve mediar esse processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança para que ela possa também ter a oportunidade de desenvolver percepções e ampliar paulatinamente seu processo criador através do uso de imagens. Depois de perceber, observar, conhecer, apreciar e até mesmo criticar o que lhe é apresentado, há a necessidade de propiciar a ligação entre o fazer e refletir, muito diferente do trabalho que acontece com imagens prontas, somente para a criança colorir.

A consciência estética leva a criança a compreender o mundo em que ela vive, oferece capacidade de escolha, capacidade crítica e aprende a não aceitar imposições, a selecionar e recriar de acordo com seu interesse, conhecimento e necessidade.

Vale lembrar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) apontam para a necessidade de se trabalhar com conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural e artístico. Estes devem ser contemplados nas Propostas Pedagógicas das instituições de educação infantil através dos princípios Estéticos, Políticos e Éticos. Assim, a estética poderá garantir o desenvolvimento da sensibilidade, da criticidade, da ludicidade e da liberdade de expressão.

A estética na educação infantil não deve ser a valorização de algo pronto, mas sim da criação do novo, condição essencial para o desenvolvimento da criatividade e isso se dá na interação com o mundo que cerca a criança, como

também com os pares. A estética é uma experiência que deve ser considerada como princípio educativo.

Além das imagens que são oferecidas às crianças dentro das instituições também se faz necessário levá-las a museus, galerias, praças, enfim, outros espaços que também são ricos em produções imagéticas.

O mundo está cada vez mais rodeado pelas imagens, podendo ser uma fecunda ferramenta de trabalho para o professor, pois ajuda a criança a entender algo do espaço e do tempo. E estão também carregadas de significados que contribuem para a formação global do sujeito nas interações com o outro e com o meio.

Através das imagens as crianças são capazes de pensar, interagir, intervir e construir aprendizado e conhecimento. A escuta da criança também é primordial diante de uma imagem, pois possibilita o diálogo por meio de seus desejos, explorando seus interesses, curiosidades e ampliando outros elementos que ainda não fazem parte do seu universo infantil.

As imagens podem provocar sensações e emoções, desenvolver percepções. Permitem múltiplas interações, e no universo infantil também podem proporcionar brincadeiras que culminem em expressões corporais, tão importantes nessa faixa etária.

Na educação infantil o trabalho pedagógico deve ter como eixos norteadores as brincadeiras e as interações. E a arte, mais especificamente a imagem na educação infantil, também deve ser uma linguagem que prioriza esses aspectos, pois é fundamental na educação das crianças desde bebê, pois através dela pode-se interpretar e interagir com o mundo.

Para que esse trabalho aconteça de forma satisfatória, é necessário criar estratégias adequadas para a educação infantil, estimulando o fazer artístico e a apreciação estética. Durante esse processo deve ser prioridade o desenvolvimento da capacidade de formular hipóteses, julgar, justificar, contextualizar elementos referentes às imagens e à arte. Nesse sentido é necessário um profissional preparado e consciente, que seja também pesquisador de repertório diversificado e de qualidade para ampliar o repertório cultural das crianças.

É necessário também pensar qual o objetivo da escolha de algumas imagens, portanto, esta ação deve ser pensada, refletida e avaliada para que seja proveitosa para as crianças.

Todo trabalho com imagens na educação infantil deve contribuir para a construção do conhecimento, bem como para as interações com os outros e com o mundo. Para isso se fazem necessárias experiências diversificadas, motivadoras e enriquecedoras para as crianças. Durante o processo de leitura de imagens o adulto mediador deve procurar criar condições para as crianças observarem, descobrirem e deve promover os interesses desses pequenos, sendo o professor mediador, buscando não interferir no processo de criação dos pequenos, respeitando o ritmo de cada um e sendo livre de exigências.

A leitura de imagens na educação infantil não precisa ser apenas individual, mas também podem acontecer leituras em grupo que proporcionam experiências significativas na interação com o outro. Nesse momento a criança precisa aprender a respeitar, tolerar, começar a perceber que cada um tem a sua interpretação em relação a uma imagem e que não há certo ou errado, e sim visões diferentes de mundo desde muito cedo.

A concepção de criança que participa do processo, expressa gosto e opiniões é a que deve ganhar cada vez mais espaço nos processos de ensino e aprendizado. Não deve haver lugar para o predomínio de um pensamento de que a criança é um ser passivo que recebe tudo pronto e acabado. Para isso os adultos devem respeitar e valorizar o que as crianças fazem e produzem dentro do espaço educativo.

Na educação infantil o trabalho com imagens não segue uma ordem fechada, mas sim um processo mais dinâmico que depende muito do olhar atento do educador para o que as crianças desejam e apontam como caminho para a construção do conhecimento.

Durante a criação através de imagens, a criança elabora novas interpretações, e pode criar e recriar através delas. As crianças, ao entrarem em contato com esse universo de produções artísticas, levarão para suas vidas esses repertórios que servirão de base para suas produções e conhecimentos novos, desde que sejam experiências estéticas ricas e de qualidade.

Para haver uma apropriação significativa de imagens na educação infantil tem-se a figura do professor como mediador desse processo, ampliando o repertório das crianças e conduzindo o trabalho de descobertas de significados através da imagem, explorando principalmente a sensibilidade e a imaginação. A singularidade também é um aspecto essencial no processo de leitura de imagem, uma vez que

cada pessoa é única, com vontades, desejos e expressões, que trazem marcas de uma história de vida e cultura. Professores podem buscar estabelecer relações entre as mais variadas linguagens, quando utilizam uma imagem com suas crianças. Imagens são fecundas molas propulsoras rumo a reflexões de contextos, de construção de conhecimentos nas múltiplas relações com saberes sistematizados e acumulados pela humanidade ao longo do tempo.

Na educação infantil é possível explorar diversificadas produções artísticas e estabelecer relações entre as mais variadas linguagens, valorizando a imaginação, a criação e a ludicidade nessa faixa etária. O professor é peça fundamental neste processo, necessitando apreender os pressupostos teóricos que alicerçam os processos de ensino e aprendizagem das artes visuais, para que ofereçam efetivamente um repertório variado e de qualidade para as crianças desde a educação infantil.

Por fim, cabe ao profissional que trabalha com a educação infantil oferecer repertório variado e de qualidade para as crianças, contribuindo assim para a formação de cidadãos com um repertório artístico-cultural que proporcione maior criticidade, podendo fazer da arte uma porta para a ampliação de outros conhecimentos, educando sujeitos para a ação, o gosto e a reflexão crítica sobre arte e cultura, destacando a importância das imagens neste processo.

REFERÊNCIAS

A ARTE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=G3ZH1qWYtTI>>. Acesso em: 18/03/2013.

A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=wEI3IJxFwE>>. Acesso em: 18/03/2013.

ARAÚJO, Anna Rita Ferreira de. A presença da arte no contexto escolar. **Revista Direcional Educador**, ano 3, edição 34, nov. 2007.

ARCE, Alessandra; DUARTE, Newton (Orgs.). **Brincadeira de papéis sociais na Educação Infantil**: as contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin. São Paulo: Xamã, 2006.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte**: 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Práticas cotidianas na educação infantil – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v.

_____. **Resolução CNE/CEB n.º 5/2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: CNE/CEB, 2009a.

_____. **Parecer CNE/CEB n.º 20/2009**. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: CNE/CEB, 2009b.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Práticas cotidianas na Educação Infantil:** bases para reflexão sobre as orientações curriculares. Projeto de cooperação técnica MEC/Universidade Federal do Rio Grande do Sul para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB/UFRGS, 2009c. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf>. Acesso em: 30/03/2013.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa.** 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção:** uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Olhos que pintam:** a leitura de imagens e o ensino da arte. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2003.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrim. O corpo dos bebês como lugar do verbo. In: ARROYO, Miguel G.; SILVA, Mauricio Roberto da. **Corpo-Infância:** exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 241-258.

DEHEINZELIN, Monique. Arte e Conhecimento na Educação Infantil. **Revista Direcional Educador**, ano 5, edição 49, fev. 2009.

DUARTE Jr., João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação.** São Paulo: Cortez, 1981.

_____. **O que é beleza.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

FARIA, Vitória; SALLES, Fátima. O currículo na Educação Infantil: as relações da criança com os conhecimentos da natureza e da cultura. In: _____. **Currículo na Educação Infantil:** diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica. São Paulo: Scipione, 2007.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky & Bakhtin, psicologia e educação:** um intertexto. Minas Gerais: Ática, 2003.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa Correa de Toledo. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Magistério 2.º grau. Série formação geral).

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de: João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde19/rbde19_04_jorge_larrosa_bondia.pdf>. Acesso em: 18/03/2013.

MEIRA, Marly Ribeiro. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2001. p. 119-140.

MELO, Ana Maria *et al.* **O dia a dia das creches e pré-escolas, crônicas brasileiras**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de: Eliane Lisboa. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil e Arte: Sentidos e Práticas Possíveis**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. v. 1. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>>. Acesso em: 14/10/2013.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra. **Imagem também se lê**. São Paulo: Edições Rosari, 2009.

READ, Hebert. 1893-1968. **A educação pela arte**. Tradução de: Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Reflexões sobre a abordagem triangular do ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 335-348.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

VYGOTSKY, Lev. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários de: Ana Luiza Smolka. Tradução de: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.